

## Explorando as multifaces da palavra: sobre a emergência de ultrapassar o teoreticismo e o imanentismo na/da linguagem

*Exploring the multifaces of the word: about the urgency to overtake the theoreticism and immanentism in / of the language.*

Wilder Kleber Fernandes de Santana<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho delimita como categorias para análise o teoreticismo e o imanentismo na/da linguagem, no âmbito das Ciências Humanas, ao passo que aborda sobre as contribuições da Teoria Dialógica da Linguagem para a produção de discursos. Esses estudos visam superar análises abstratas e descontextualizadas de língua(s), em que propomos a aprendizagem sob viés dialógico-discursivo, a partir do pensamento de Bakhtin (1993 [1920-1924]), 2006 [1979]), Volochínov (2017 [1929]) e Medviédev (2016 [1928]). As pesquisas refletem a perspectiva teórico-metodológica da linguagem em movimento, fundamentando-se nas categorias discurso, dialogismo, interação e relações dialógicas. Para concretização analítica, selecionamos como *corpus* uma charge intitulada “Velha política x Nova política”. Procuramos demonstrar como essa proposta torna-se eficaz para aprendizagem em sala de aula e compreensão responsiva ativa por parte do(s) leitor(es). Nesse direcionamento, os resultados revelam a importância de transcender uma postura imanente e teórica de estudos da linguagem para a formação de alunos e professores cada vez mais críticos e reflexivos, cuja prática de ensino dialógico oportuniza explorar as multifaces da palavra na promoção de competências leitoras.

**Palavras-chave:** Dialogismo; multifaces; palavra; teoreticismo; imanentismo.

**Abstract:** The present paper delimits as categories for analysis the theoreticism and immanentism in/of the language, in the scope of the Human Sciences, while it deals with the contributions of the Dialogical Theory of Language for the production of discourses. These studies aim to overcome abstract and decontextualized analyzes of language (s), in which we propose the learning under dialogical-discursive bias, from Bakhtin's (1993 [1920-1924], 2006 [1979]), Volochínov's (2017 [1929]) and Medvedev (2016 [1928]). The researches reflect the theoretical-methodological perspective of the language in movement, being based on the categories discourse, dialogism, interaction and dialogical relations. For analytical concretion, we selected as corpus a cartoon titled "Old politics x New politics". We seek to demonstrate how this proposal becomes effective for classroom learning and active responsive understanding by the reader (s). In this direction, the results reveal the importance of transcending an immanent and theoretical posture of language studies for the formation of increasingly critical and reflexive students and teachers, whose dialogic teaching practice allows to explore the multi-facetedness of the word in the promotion of reading skills.

**Keywords:** Dialogism; multifaces; word; theoreticism; immanentism.

---

<sup>1</sup> Wilder Kleber Fernandes de Santana é escritor, poeta e professor. Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

## 1 Introdução

Este trabalho se propõe a discutir sobre a necessidade emergente de se ultrapassar o teoreticismo e o imanentismo da linguagem no século XXI, tendo em vista que, quando esta fecha seus horizontes (de interpretação) em si mesma, não produz sentido nem vida, mas gera puras coisas mortas (BAKHTIN, 2006 [1979]). Durante bastante tempo, como já fora discutido por Santana e Nascimento (2018), fatores que caracterizariam uma linguagem dialógica ou interativa permaneceram suprimidos pela *Poética e pela Retórica*<sup>2</sup> até a segunda metade do século XVIII, instante a partir do qual começaram a haver rupturas com paradigmas formalistas<sup>3</sup>.

Tanto a Literatura (em específico a prosa literária) quanto a *Psicologia social*<sup>4</sup>, dentre outros campos de saber hegemônicos em centros europeus, foram utilizados como objetos de análise da estilística tradicional ao longo do século XIX e até as primeiras décadas do século XX.

É nesse ápice do positivismo e cientificismo que averíguam-se manifestações de linguagem via análises ideológicas abstratas<sup>5</sup>, superficiais, ausentes de embasamento histórico-social, “ignorando-se a relação indissociável entre forma, conteúdo e o aspecto social das obras literárias, ou seja, não havia uma abordagem filosófica e sociológica dos textos consideradas hoje essenciais” (SANTANA; NASCIMENTO, 2018, p. 292) para se compreender uma “estilística do gênero” (BAKHTIN, 2015, p. 21). Essa última rompe com preceitos defendidos e mobilizados

---

<sup>2</sup> Santana e Nascimento justificam que os métodos/modelos de criação e interpretação aristotélicos, tanto a *Poética* quanto a *Retórica*, foram e continuam sendo de imensa importância para estudos em linguagem e meios de comunicação humana, inclusive influenciando estudos na pós-modernidade. Citamos as obras para fundamentar nosso posicionamento de que tal tradição, com sua força, imperou durante tanto tempo que acabou ofuscando outras formas de ser/dizer/expressar.

<sup>3</sup> Esses paradigmas formalistas consistem nas propostas russas da arte como procedimento, a exemplo da obra *Arte como Procedimento*, de Chklovsky (1917), e tais paradigmas podem ser encontrados de forma mais aprofundadas nos dizeres de Medviédev, em *O método formal nos estudos literários* (2016 [1928]). Nessa mesma obra, Medviédev menciona a existência da Sociedade para o Estudo da Língua Poética (OPOYAZ) grupo que propunha a distinção entre linguagem prática e linguagem poética, ou seja, apoiava o formalismo na linguagem, em terreno russo.

<sup>4</sup> Estudos mais aprofundados encontram-se em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

<sup>5</sup> Sobre isso, Santana (2018, p. 166-167) afirma que “Alguns grupos, em terreno russo, como a Sociedade para o Estudo da Língua Poética (OPOYAZ) propunham um estudo mediante o qual houvesse a distinção entre linguagem prática e linguagem poética”. Integram esse grupo, com surgimento entre 1916 e 1917, “Viktor Chklóvski (1893-1984), Iury Tiniánov (1894-1943), Boris Eikhenbaum (1886-1959), Viktor Vinográdov (1895-1969), Viktor Jirmúnski (1891-1971) e o próprio Lev Iakubínski (1892-1946)” (GRILLO, Ensaio introdutório, 2017, p. 42).

pela estilística tradicional, que, muitas vezes, desprezou o sujeito (autor, escritor, orador) como elemento essencial para produção dos sentidos múltiplos dos enunciados<sup>6</sup>.

Para sustentar nossos dizeres, buscamos respaldo teórico-metodológico no pensamento de Bakhtin (1993 [1920-1924]), 2006 [1979]), Volochínov (2017 [1929]) e Medviédev (2016 [1928]), cuja vertente socioideológica concebe a língua como forma de interação entre os sujeitos organizados e situada historicamente. Ao fundamentarmos na perspectiva dialógica da linguagem, defendemos a língua(gem) como viva, real e concreta. De modo complementar, recorreremos aos pressupostos de interlocutores bakhtinianos, tais como Brait (2005), Sobral (2009), Renfrew (2017) e Santana e Nascimento (2018).

Ao problematizarmos a importância do ato de ler em âmbito educacional, dentro e fora da escola, somos conduzidos a repensar o processo da leitura tradicional, concebendo-o como forma de capacitação do sujeito para as experiências que perpassem o ambiente escolar, “remetendo-o a uma leitura crítica do mundo em que vive, envolvendo as relações entre texto, autor, leitor e professor, sendo o último o mediador e peça chave no processo de formação desse leitor” (ALMEIDA; SANTANA, 2018). Na ótica de Bakhtin, os enunciados que produzimos, nas mais variadas esferas de atividade humana são plenos “de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 297), a partir de onde surgem as valorações na linguagem.

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, temos que nos movimentar, tomar responsabilidade pelos nossos atos como sujeitos responsivos ativos. Desse modo, assumindo papel de estudiosos, professores e pesquisadores no século XXI, cabe a nós difundir que nossos posicionamentos se dão na/pela linguagem, e são essas posições axiológicas que nos fazem existir enquanto sujeitos, já que só o somos quando enunciamos, materializamos em ato. Nessa perspectiva de linguagem, compreende-se o sujeito como dialógico e alteritário, num processo dialético (de

---

<sup>6</sup> Salientamos que a grande problemática não consiste apenas nas análises teóricas que excluem o histórico-social, mas também no compreender o funcionamento dessas teorizações por parte dos pesquisadores.

afirmação, recusa, negação da negação, concordância) numa espiral constante de embates linguístico-discursivos.

E esses embates condicionam a que percebamos a arbitrariedade do signo, carregado de valorações diversas, que dependem do sujeito que os enuncia e do tempo-espaço em que é produzido. Ao compreender que o signo é linguístico, mas também ideológico, é possível adentrar em discussões histórico-sociais e políticas em sala de aula. Para Bakhtin, “cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções.” (BAKHTIN, 2015, p. 69), e é a esse pensamento que adentramos para construção de nossos dizeres.

Em aspectos estruturais, na primeira seção, realizamos um estudo teórico sobre o imanentismo e o teoreticismo, em aporte bakhtiniano. Na segunda seção, intitulada “Por uma Teoria dialógica da Linguagem” buscamos esclarecer aspectos essenciais da desta teoria a partir das obras de Bakhtin e o círculo, e a terceira seção é composta pela análise dialógico-discursiva da charge “Velha política x Nova política”, por nós seleta.

## **2 Que são o teoreticismo e o imanentismo na/da linguagem?**

Tanto o teoreticismo quanto o imanentismo são categorias presentes nas produções de Bakhtin, em diálogo com Volóchinov e Medviédev. Para compreender a primeira categoria, incidiremos olhares principalmente ao projeto inicial de Bakhtin intitulado, em versão brasileira, *Para uma Filosofia do Ato responsável* (2010 [1920-1924]). Por sua vez, para fortalecer nossa discussão sobre o imanentismo no panorama das ciências humanas e na filosofia, recorreremos, além da referida obra, ao manuscrito *O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas* (2006 [1979]), o qual integra a coletânea Estética da Criação Verbal.

Iniciemos com uma explanação geral de *Para uma Filosofia do Ato responsável* (2010 [1920-1924]):

Em *Para uma filosofia do ato* (2010 [1920-24]), o filósofo soviético esboça um tratado ético do ser humano, posicionando-se contra sistemas filosóficos que propunham estudos via separação entre cultura (arte) e vida (sistema ético). O ser, instituído enquanto ser-evento, e não apenas enquanto ser-aí, (Heidegger), tem manifesta a sua singularidade apenas através de seu correlacionamento com um outro: é nas instâncias da alteridade que o ser se constitui (SANTANA, 2018, p. 77)

Nesse sentido, compreende-se por teoreticismo as produções humanas (na vida, arte e ciência) que se empenham apenas em argumentos teórico-filosóficos, desprezando-se a vivência humana e a historicidade. “Assim, o teoricismo fatal – a abstração do meu eu singular – ocorre também na ética formal: aqui, o mundo da razão prática é em realidade um mundo teórico, e não o mundo no qual o ato é realmente executado” (BAKHTIN, 2010 [1920-1924]). Nessa linha de pensamento, os atos que são realizados no mundo puramente teórico requerem somente um exame de ordem teórica.

Para o filósofo soviético,

A lei da conformidade à lei é uma fórmula vazia do puro teoricismo. Nunca uma razão prática semelhante pode fundar uma filosofia primeira. O princípio da ética formal não é de fato um princípio do ato, mas o princípio da generalização possível dos atos já dados na sua transcrição teórica (BAKHTIN, 2010 [1920-1924]).

O conformar-se com explicações puramente transcendentalistas ou teoreticistas, ou seja, a tentativa humana de explicar os fenômenos da vida através de lógicas abstratas, não produz sentidos. É necessário recorrer sempre aos acontecimentos éticos (da vida), à história, às condições específicas de produção daqueles fatos. Afirma o pesquisador russo que não há possibilidade de uma razão semelhante às teoricistas poderiam fundar uma filosofia primeira, justamente porque a fundamentação de uma filosofia abstrata concebe ideias inconsistentes e fadadas ao não vivenciamento humano – uma fugacidade da vida. Renfrew (2017, p. 43), ao reconhecer que Bakhtin postula o teoreticismo como uma das doenças-chave do pensamento moderno (particularmente do pensamento científico), atesta:

Teoreticismo é o nome dado por Bakhtin a todas as formas de pensamento que imaginam que a cognição – ou a descrição daquilo que ele chama de “conteúdo/sentido” de todo ato – esgota seu pleno valor ou significação e o “ato” é explicitamente entendido como englobando tanto pensamentos e afirmações quanto ações.

É nesse sentido que, ainda segundo Renfrew (2017), o pensamento teórico (ou seja, abstrato), não gerencia possibilidades de estudos que abarquem o Ser em sua totalidade, uma vez que a eventicidade viva dos sujeitos está sendo desconsiderada. Em *O método formal nos estudos literários* (2016 [1928]), Medviédev menciona a impossibilidade da existência da ideologia se houver separabilidade entre o processo cultural (meio socioideológico) e o objeto, ou entre sujeitos. Dito de outra forma, o teorismo não produz ideologia, produz apenas abstrações.

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu "significado ideal" não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante (2016 [1928], p. 49-50)

Tanto na correlação humano-objeto quanto na interação entre humanos, a avaliação axiológica (as correspondências comunicativas) não pode ser concebida sem o atravessamento de sua realidade sócio-histórica, das vozes que o constituem. Esse posicionamento influencia uma série de pesquisadores no século XXI os quais refletem sobre o agir nas ciências humanas e as consequências de uma postura formalista, tais como Renfrew, o qual afirma: "O teoreticismo sempre carecerá da eventicidade (*sobytiinost*) de todo o ato ou fenômeno, sua qualidade de ser unicamente situado, carnal e temporariamente, em um sujeito que aceita conscientemente a responsabilidade por seu ato" (2017, p. 43). As reflexões filosóficas de Bakhtin sobre o teoreticismo implicam em que pesquisadores, professores e estudiosos tomem para si a responsabilidade<sup>7</sup> por suas palavras e atos na mobilização

---

<sup>7</sup> Essa concepção pretende (des)uniformizar os sujeitos da sociedade, pois como afirma Sobral (2009, p. 48), "o sujeito se divide em múltiplos papéis, nos termos de suas relações sociais, e a sociedade se divide em múltiplos grupos e segmentos, nos termos das relações entre esses grupos e segmentos." Segundo Sobral (2009, p. 24), a filosofia do ato ético de Bakhtin é uma proposta de estudar o agir humano, um *modus* para compreensão teórico-prática de como os indivíduos agem no mundo concreto: "[...] um mundo social e histórico e, portanto, sujeito a mudanças, não apenas em termos de seu aspecto material, mas na maneira de os seres humanos o conceberem simbolicamente, isto é, o de representarem por meio de alguma linguagem, e de agirem nesses termos em circunstâncias específicas.

do conhecimento, para que não haja consequências drásticas para as Ciências Humanas e Sociais, as quais podem ser potencialmente prejudicadas.

Quanto ao princípio da imanência, este consiste no fechamento de horizontes de quaisquer campos de saber em si mesmos, ou seja, representa a negação de diálogos de um determinado fenômeno com palavras alheias. Renfrew assim caracteriza:

Tomada de empréstimo à teologia por intermédio da filosofia, imanência descreve o modo pelo qual as propriedades de determinado conceito ou fenômeno – como, fundacionalmente, Deus – são consideradas inerentes ao conceito ou fenômeno propriamente dito. Nos estudos literários, a ideia de Imanência abre para questões dos limites dos textos: os textos são independentes, autônomos e completos em seus próprios termos? O sentido do texto comparece nas palavras da página, precisa ser lido em seu contexto histórico e social, ou no contexto da vida do autor? Essas são posições mutuamente exclusivas? (RENFREW, 2017, p. 15).

Após esse adentramento a um conceito de imanência, o pesquisador inglês Alastair Renfrew afirma que essas são constantes básicas no pensamento de Mikhail Bakhtin, cujo desejo era romper com a oposição entre as teorias de imanência do texto literário e as abordagens sociológicas e culturais. Assim, “Desde o momento em que a teoria se separa do ato e se desenvolve segundo a sua lei interna imanente, o ato mesmo, desembaraçando-se da teoria, começa a degradar-se” (BAKHTIN, 2010 [1920-1924], p. 112).

Do conteúdo separado do ato cognitivo apropriam-se suas próprias leis imanentes, com base nas quais ele se desenvolve sozinho, autonomamente. Inseridos neste conteúdo, consumado um ato de abstração, estaremos à mercê de suas leis autônomas; mais exatamente, cada um de nós não está mais presente nele como ativo no sentido individual e responsável (BAKHTIN, 2010 [1920-1924], p. 45).

No caso específico da gramática, na visão dos pensadores do Círculo de Bakhtin, “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo” (BAKHTIN, 2013, p. 23). Então, a estilística bakhtiniana propõe a profissionais do ensino de línguas que, via propostas teórico-metodológicas responsáveis, ajudem “os

alunos a entender o que muda quando escolho esta ou aquela palavra, esta construção sintática em lugar de outra” (BAKHTIN, 2013, p. 14)<sup>8</sup>.

Ao contrário de abordagens teóricas ou imanentes, compreendemos que, no século XXI, há uma emergência em se transcender as teias do formalismo, através da Teoria dialógica da Linguagem, cujos princípios se fundamentam na interação viva entre sujeitos e objetos no *continuum* da linguagem. No que concerne aos princípios da responsabilidade humana no processo-ato de movências enunciativas, a palavra tem funcionalidade ativa “tanto nos processos internos da consciência, por meio da compreensão e interpretação do mundo pelo sujeito, quanto nos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas” (STELLA, 2013, p. 179).

Nessa perspectiva da palavra que transcende o formalismo da língua(gem), o ensino em perspectiva dialógica, além contribuir significativamente com a interdisciplinaridade, compreende que os discursos que produzimos refletem e refratam o mundo da realidade para um mundo criado, e cada sujeito é capaz de se posicionar axiologicamente ao ressignificar o mundo da vida.

### **3 Análise dialógico-discursiva da charge “Velha política x Nova política”**

Antes de adentrarmos na análise, faz-se importante mencionar que, na ótica dos integrantes de Bakhtin e dos integrantes do círculo, o enunciado não se reduz a frases, orações e períodos, como previstos pela gramática normativa. Adentramos na perspectiva bakhtiniana de enunciado, a qual transcende a materialidade escrita, e enxerga para além, conforme atesta em *Problemas da poética de Dostoiévski (2008)* sobre o fato de que: “as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes” (BAKHTIN, 2008, p. 211).

De igual modo, é preciso esclarecer que perspectiva de discurso é mobilizada nestas entrelinhas. O que se entende por discurso, aqui, difere-se da perspectiva

---

<sup>8</sup> No prefácio de Brait, em *Questões de estilística no ensino da língua*, “Há explicitamente nesse trabalho de Bakhtin a demonstração de que ele estava atento ao contexto escolar e à crise do ensino de língua em curso desde o início do século XX, e que sua atuação consistia, dentre outras coisas, em rever a posição do ensino da gramática na escola, considerando que uma, certa estilística, então no centro de suas preocupações, poderia, se articulado à gramática, auxiliar os professores e levar os alunos a um conhecimento ativo de procedimento característico da língua literária e, também, da língua do cotidiano, da língua viva, em uso (BRAIT, 2013, p.11).

morfossintática carregada e promulgada, divergindo também dos discursos retóricos de berço grego. Discurso, para Bakhtin, consiste em um tipo de enunciado histórico, de cunhos ideológico e cultural, em que não são apenas levados em conta aspectos semânticos ou gramaticais, mas sobretudo as condições de produção de determinado enunciado.

Essa nova concepção de discurso concebida por Bakhtin e o círculo traz às ciências humanas aspectos determinantes para a constituição de um sujeito responsivo-ativo. Conforme Bakhtin (2010 [1934-1935], p. 81),

Temos em vista não o *minimum* linguístico abstrato da língua comum, no sentido do sistema de formas elementares (de símbolos linguísticos) que assegure um *minimum* de compreensão na comunicação prática. Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. (Grifos do autor).

Assim, o objeto – enunciado – que selecionamos para análise se trata de uma charge, intitulada “Velha política x Nova política”, coletada da página eletrônica “humor político”. A charge constitui-se como um gênero discursivo e tem objetivo de criticar ou ironizar, ou ainda representar de maneira cômica acontecimentos nas mais diversas esferas sociais. Passemos às análises:

**Figura 1: Velha política x Nova política**



Diante do enunciado chargístico intitulado *Velha política x Nova política*, deparamo-nos com materialidades verbais e não verbais, ou seja, aos aspectos imediatos da charge. Sua dimensão imagética apresenta um lobo, com expressão de ganância e esperteza, que está se despindo de uma pele de cordeiro. Em termos de materialidade linguística, enquanto no lobo está marcada a expressão “Velha política”, na pele de cordeiro está inscrito o enunciado “Nova política”. A partir das condições específicas de produção desse discurso, pistas e rastros de linguagem (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), podemos mensurar se tratar de uma crítica relacionada à política brasileira.

Em *Crítica da arte e estética geral*, Bakhtin (2010 [1924]) infere que

Nenhum valor cultural, nenhum ponto de vista criador pode e deve permanecer no nível da simples manifestação, do fato puro de ordem psicológica e histórica; somente uma definição sistemática na unidade semântica da cultura superará o caráter factual do valor cultural. A autonomia da arte é baseada e garantida pela sua participação na unidade da cultura, tanto que a definição sistemática ocupa aqui um lugar não só singular, mas também indispensável e insubstituível (BAKHTIN, 2010 [1924], p. 16).

Em outros termos, conforme Santana (2018), caso um objeto estético (artístico ou literário) seja deslocado de sua realidade cultural, semântico-axiológica, este perderá seus valores, sua trama dialógica, sua capacidade de produção de sentidos.

Para compreender este enunciado em sua concretude, foi necessário ultrapassar as barreiras do teoreticismo/teoricismo e do imanentismo, ou seja, identificar as relações dialógicas que estão constituindo a charge, um processo de escavação dos sentidos múltiplos, como a incidência do discurso religioso, que está atravessando o discurso político.

Na compreensão de Silveira (2019, p. 9),

Para realizar leituras acerca do mundo que nos rodeia, a linguística não pode mais continuar sob vestes de imanentismo, negligenciando sujeitos sociais e a história que atravessa discursos e (re)produções de sentido. Um aparato teórico metodológico que considere tal complexidade atenta para a necessidade de investigação acerca da linguagem que não desconsidera a incompletude, a riqueza e a diversidade de práticas que se realizam a partir de seu uso. Em um momento crucial em que discursos autoritários se fazem presentes e se multiplicam na vida social e na esfera política das relações humanas torna-se necessário, como afirmado anteriormente, que tais abordagens reconheçam o sentido político de tais escolhas.

A Bíblia, documento de caráter religioso (e, em certa instância legislativo) para os cristãos e para grande parte de não-cristãos, contém os primeiros registros de enunciados sobre, figuradamente, o lobo e o cordeiro. É nas condições de produção discursiva da era dos Mártires (GONZÁLEZ, 2011), especificamente nos registros evangelísticos das falas de Jesus, que se manifestam as relações entre lobo e cordeiro. De acordo com a narrativa do evangelista Mateus, capítulo 7, Jesus profere para os seus discípulos:

Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.  
Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?  
Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins.  
A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons.  
Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo.  
Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão! (Mt. 7. 15-20).

A partir dos versos que se discorrem, compreende-se que Jesus compara falsos profetas (líderes religiosos) a lobos devoradores, os quais iriam se utilizar de discursos para alcançar multidões para suas doutrinas e enriquecimento próprio.

Pouco tempo depois, o apóstolo Paulo re-enuncia a mensagem de Jesus, a qual este proferiu antes de sua crucificação, em que fazia menção à sua morte material: “Eu sei que depois da minha partida entrarão no meio de vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho... falando coisas perversas para atrair os discípulos após si”. (At. 20.29-30).

Perceba-se que, dentro de um sistema político-religioso hegemônico (farisaico), havia-se feito menção aos falsos líderes religiosos como *lobos devoradores*. Assim como os lobos que devoravam os rebanhos de ovelhas, os líderes corruptos do primeiro século d.C devoravam as mentes das pessoas, enganando-as com falsos ensinamentos, para poderem se aproveitar de seus tributos e de seu trabalho físico.

O capítulo 23 do evangelho segundo Mateus, por exemplo, traz severos discursos de Jesus direcionados aos fariseus legalistas que queriam alcançar os primeiros lugares nas festas, assim como deter o poder sobre a população, da mesma forma como acontece na contemporaneidade do século XXI. Os fariseus e líderes

judeus tentavam, através de seus discursos, maquiagem suas ações, fingindo-se de bons mestres e líderes leais, altruístas e pacificadores. Então, foi crescente e imperante o discurso de que pessoas gananciosas, hipócritas e aproveitadoras, e além disso fingidas, agem como lobos que se vestem de cordeiro. Suas ações são efetivamente mal-intencionadas, mas através do discurso conseguem revestir uma pele de pessoas bondosas e bem-intencionadas.

Corroborando a interrelação existente entre discursos defendida pelo círculo de Bakhtin, compreendemos a linguagem como o meio de interação comunicativa pela qual se estabelece a produção de efeitos de sentidos entre interlocutores. Assim se efetua

**A compreensão estreita do dialogismo** concebido como discussão, polêmica, paródia. Estas são formas externas mais evidentes porém grosseiras do dialogismo. A confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra autoritária), o aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal, a *concordância*, suas eternas fronteiras e matizes (mas não limitações lógicas nem ressalvas meramente objetivos), **sobreposições do sentido sobre sentido, da voz sobre a voz, intensificação pela fusão** (mas não identificação), combinação de muitas vozes (um corredor de vozes), **a compreensão que completa, a saída para além dos limites do compreensível**, etc. Estas relações específicas não podem ser reduzidas nem a relações puramente lógicas, nem meramente objetivos. Aqui se encontram posições integrais (o indivíduo não exige uma revelação intensiva, ela pode manifestar-se por em um som único, em uma única palavra), precisamente as vozes. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 327, grifos meus).

Ao observarmos, agora, a charge, realidade sócio-histórica<sup>9</sup>, no que concerne à emergência deste enunciado, a crítica que se direciona aos políticos brasileiros, os quais enganam os eleitores com discursos brandos e túrgidos de promessas. Bakhtin (2015, p.54) assevera que o campo aperceptivo da compreensão não é apenas linguístico, mas sobretudo “concreto-expressivo”. Ao contrário da compreensão passiva<sup>10</sup>, se reduz a abstrações linguísticas, a interpretação ativa

---

<sup>9</sup> Santana (2019, p. 100) infere que “[a]o tratarmos da relação entre cultura e vida, Bakhtin (1993 [1920-1924]) e Medviédov (2016 [1928]) propõem a indivisibilidade entre esses dois mundos, assim como era comum nas ciências naturais, filosofia da vida e estética formalista. O sujeito, enquanto *Ser aberto e unitário*, pode ser formador do conteúdo-sentido abstrato do ato-ação”.

<sup>10</sup> Para Bakhtin (2015, p. 54-55), “a interpretação não ultrapassa o âmbito do seu contexto e em nada enriquece o interpretável”. Essa interpretação passiva não acresce novidades ao discurso do indivíduo, “nenhum elemento concreto e expressivo” (p.55).

[...] estabelece uma série de inter-relações complexas, consonantes e heterossonantes como o objeto da interpretação, enriquece-o com novos elementos. É exatamente essa interpretação que o falante leva em conta. Por isso sua diretriz centrada no ouvinte é uma diretriz centrada num horizonte especial, no universo especial do ouvinte, insere elementos absolutamente novos em seu discurso; porque aí ocorre uma interação de diferentes contextos, de diferentes pontos de vista, de diferentes horizontes, de diferentes sistemas expressivoacentuais, de diferentes “línguas” sociais (BAKHTIN, 2015, p.55).

A charge “Velha política x Nova política”, por meio de relações dialógicas, renuncia as vozes neotestamentárias que construíram o ideal metafórico do lobo e do cordeiro, ou seja, o discurso político em período eleitoral é constantemente atravessado por discursos da ordem do religioso.

A partir de Brait (2005), temos que os Estudos Dialógicos impeliram Bakhtin na busca de compreensão das formas de produção e do sentido da Linguagem, em seu funcionamento e significação, na direção de uma estética e ética da linguagem para uma nova perspectiva acerca da comunicação humana e seus estudos. Assim,

o conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência linguística ou uma teoria literária, mas uma visão de mundo que busca formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem linguístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas (p. 88).

O lobo com sua face desdenhosa e enganadora representa uma velha política porque já houve sistemas (escravos e servos) em que os líderes agiam sem necessariamente precisarem esconder sua face, uma vez que era acobertados e apoiados pelo próprio sistema vigente.

Em contrapartida, a nova política representa o cordeiro pelo falseamento de boas intenções via o discurso. Nesse sentido, seus heterodiscursos reacentuam os não-ditos, constituindo os sentidos plurais que instituem o enunciado concreto.

No caso específico do enunciado em questão, intitulado *Velha política x Nova política*, os sentidos trafegam historicamente, e se inserem em uma orquestração de vozes. A divulgação eletrônica da charge quis ressaltar a permanência desses já ditos que inserem a crítica à política brasileira, principalmente no que tange aos discursos e atos realizados por políticos e candidatos.

No processo de discursivização desse gênero discursivo, dispõem-se figuras que podem representar a nação, como os candidatos, sujeitos empossados da palavra no campo político. A mídia eletrônica, enquanto campo de disseminação ideológica, circunscreveu o *topoi* enunciativos, os quais evidenciam que por trás da aparência boa e agradável há ganância e corrupção por parte dos representantes de partidos políticos brasileiros.

### **Considerações finais**

A charge, postagem de teor político (e suas réplicas, as quais se revestiram do da esfera midiática), provoca em nós reflexões que são vivenciadas na prática, no cotidiano. Com essas reflexões, procuramos causar esses embates para repensarmos o papel do atual ensino nas escolas brasileiras: tem se configurado em perspectiva imanentista/teoreticistas ou dialógica? Quando averiguamos a emergência em se transcender as barreiras do formalismo, revemos nossos próprios posicionamentos na educação, diante da política brasileira.

Pluralidades na linguagem só podem ser observadas por meio do enunciado, em atos dialógicos. Sabemos que o diferente existe justamente porque há o posicionamento, o qual provoca e convoca respostas. É o embate de que Bakhtin fala. Uma resposta suscita outra. Em sala de aula, quando os alunos se deparam com o contexto sócio-histórico dos enunciados, eles podem re-enunciar discursos outros, apreciar, avaliar, acentuam seus pontos de vista, a partir das escolhas e tomadas de posição, na medida em que se demonstra a importância de não permanecer apenas no plano estrutural – gramatical, mas observando-se os tons semânticos no discurso reportado.

Este manuscrito, por fim, se instaura nessa esfera de dizeres interconstitutivos, não contendo palavras últimas nem acabadas, mas reflexões sobre a emergência em ultrapassar a imanência que há em ordenamentos de abscissas e ordenadas de linguagem. De modo semelhante, esperamos que este inspire outros trabalhos que problematizem a respeito da linguagem e de seu funcionamento.

## Referências

- ALMEIDA, Maria de Fátima; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Ensino de línguas sob perspectiva estilística: contribuições da teoria dialógica da linguagem. *Revista de Letras JUÇARA*, Caxias – Maranhão, v. 02, n. 02, dez. 2018, p. 310 – 326.
- BAKHTIN, Mikhail M. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].
- BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. São Paulo: 34, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail M. Crítica à arte estética em geral (1920). In: *Questões de literatura e de estética - A Teoria do Romance*. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6ª edição. Editora Hucitec - São Paulo, 2010 (1930-1934).
- BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 140 p.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.
- BÍBLIA SAGRADA (*Bíblia de Jerusalém*). Tradução do texto em Língua Portuguesa diretamente dos originais. Nova Edição Revista e Ampliada. 1ª edição. Paulus Editora, São Paulo, 2002.
- BRAIT, Beth. *Prefácio*. In: *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2013.
- LIMA, Amarildo. Charge: *Velha Política x Nova política*. In: <https://www.humorpolitico.com.br/tag/lobo-em-pele-de-cordeiro/>. Acesso em: 09 de maio de 2019.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O Método Formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- RENFREW, Alastair. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de Marcos Marcionillo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes do. O heterodiscurso no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector: questões de linguagem. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3, 2018, p. 290-305.
- SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. ISSN-1678-3182. Número 45, 2018.p.75-90.
- SILVEIRA, Éderson Luís. Sobre a linguagem que não cessa de se inscrever na heterogeneidade e o utilitarismo das discussões inúteis (2019). in: SANTANA, Wilder

Kleber Fernandes de. *Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação* – João Pessoa: Ideia, 2019.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].